

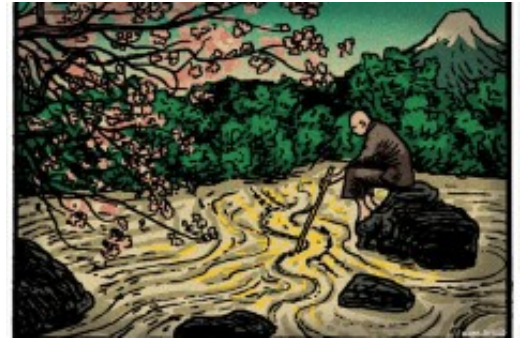
21/09/2018 - 05:00

O bem-sucedido modelo do Japão

Por **Adair Turner**

Quase todo mundo diz que o modelo econômico do Japão implodiu. Desde 1991, o crescimento do país alcança, em média, só 0,9%, em relação aos 4,5% das duas décadas anteriores. Uma expansão lenta, associada a grandes déficits fiscais e a uma inflação próxima de zero, puxou a dívida do governo de 50% para 236% do PIB.

A chamada "abonomics", o conjunto de reformas iniciadas pelo premiê Shinzo Abe quando ele assumiu o poder, seis anos atrás, prometeu fazer com que a inflação subisse para 2%. Mas cinco anos de taxa de juros zero e enorme afrouxamento quantitativo não conseguiram tornar o compromisso realidade. Uma taxa de fertilidade de 1,4 filho por mulher e a imigração próxima de zero permitem concluir que a força de trabalho do Japão poderá encolher 28% nos próximos 50 anos, inviabilizando financeiramente a prestação de assistência médica para os idosos e elevando drasticamente o déficit fiscal, que já alcança 4% do PIB.



Aumentos de impostos e cortes dos gastos públicos, a fim de reduzir o déficit, são essenciais para evitar uma crise da dívida. As reformas estruturais são necessárias para elevar a anêmica taxa de crescimento.

Apesar de tudo isso, a noção dominante sobre o suposto fracasso do modelo japonês pode estar equivocada. Embora o declínio demográfico do Japão contenha desafios, pode implicar também algumas vantagens; e as dívidas do Japão são muito mais sustentáveis do que parecem.

É verdade que o crescimento do PIB do Japão é inferior ao da maioria das demais economias desenvolvidas, e tenderá a continuar assim em vista da lenta retração da população. Mas o que interessa para o bem-estar humano é o PIB per capita, e, nessa frente, o crescimento anual do Japão de 0,65% observado no período de dez anos iniciado em 2007 equivale ao dos Estados Unidos e supera o de 0,39% do Reino Unido e o de 0,34% da França - além de não ser nada mau para um país que parte de um dos mais elevados padrões de vida do mundo.

Nos últimos 25 anos, o crescimento per capita dos EUA foi mais acelerado; mas a economia do Japão não foi desfigurada pela enorme elevação da desigualdade de renda que defrontou muitos trabalhadores americanos com a estagnação dos salários reais ao longo desse período. O desemprego é inferior a 3%.

Como uma máquina de geração de prosperidade para uma ampla faixa de cidadãos, a economia do Japão, portanto, pode ser comparada atualmente em condições de igualdade com quase qualquer outra. Com taxas de criminalidade entre as mais baixas do mundo, o modelo social japonês deve estar fazendo algumas coisas certas.

O crescimento japonês é inferior ao da maioria das economias ricas. Mas o que interessa para o bem-estar humano é o PIB per capita, e o crescimento anual do Japão de 0,65%, observado no período de dez anos iniciado em 2007, equivale ao dos EUA

É claro que o que é verdadeiro hoje pode ser demograficamente insustentável amanhã; e, se a taxa de natalidade no Japão continuar permanentemente a 1,4 filho por mulher, a acelerada queda da população poderá representar graves problemas. Mas advertências de que a relação de trabalhadores sobre aposentados cairá de 2,1 para 1,3 exageram a gravidade da situação, por definirem arbitrariamente a idade ativa como se encerrando aos 65 anos. Se a média de idade em que as pessoas param de trabalhar se elevar a 70 anos, a relação de trabalhadores sobre aposentados ainda cairá, mas apenas a partir dos 2,1 atuais para 1,8 em 2050.

Além disso, o Japão é líder mundial nas tecnologias capazes de possibilitar pessoas mais velhas a permanecer economicamente ativas por mais tempo, e na robótica, que permite que bens e serviços sejam produzidos por um número cada vez menor de trabalhadores. Os temores de que os robôs destruirão vagas de trabalho estão notadamente ausentes do debate nacional japonês.

Em um mundo de radicais possibilidades de automação, a expectativa de vida alta e cada vez mais elevada e a queda da população são problemas melhores a ser enfrentados do que a acelerada expansão da população que ameaça subjugar a criação de vagas de trabalho em algumas economias de mercados emergentes.

No que se refere à dívida governamental e aos déficits fiscais insustentáveis, os alarmistas que advertem sobre uma crise inevitável caso não seja imposto um aperto de cintos em breve tendem a ficar decepcionados. A dívida bruta do governo do Japão pode ser de 236% do PIB, mas após descontar os ativos financeiros de propriedade do governo, o FMI estima a dívida líquida em muito mais baixos 152%.

Além disso, o Banco do Japão, o BC do país, possui bônus do governo no valor de 90% do PIB. Deduzindo-se os ativos financeiros públicos e todas as dívidas que o governo e a população japonesas devem efetivamente a si mesmos, o endividamento fica em apenas cerca de 60% do PIB, e não está crescendo. Esse patamar pode ser sustentável mesmo com déficits fiscais elevados por muitos anos.

Para verificar por quê, suponha que um país tenha uma dívida pública bruta de 250% do PIB, uma dívida líquida de 150% e uma carteira de bônus no BC de 100% do PIB, o que resulta numa dívida líquida de 50%. Suponha também que a inflação e o crescimento real tenham se mantido estáveis em 1% cada um, de modo que o PIB nominal tenha crescido 2%. Com rendimentos dos bônus a 2% (em relação ao 0,1% vigente hoje), essas relações de endividamento permaneceriam estáveis mesmo se o governo contabilizasse déficit primário de 4% do PIB e déficit total de 5%, ano após ano.

Isso é, grosso modo, o que o Japão está fazendo agora. Longe de reagir com horror, compradores do mundo inteiro ainda fazem fila para comprar bônus do governo em troca de rendimentos pouco superiores a zero.

Não se pretende negar os importantes desafios enfrentados pelo país. Os custos com assistência médica poderão elevar os déficits ainda mais. E a teoria econômica sugere que, em algum momento, os rendimentos dos bônus deverão ser superiores ao crescimento nominal do PIB. Por esses dois motivos, um plano que aponte para alguma consolidação fiscal de médio prazo é desejável. E, na falta de aumento da taxa de natalidade ou, pelo menos, de alguma imigração, o avanço tecnológico será essencial para enfrentar uma sociedade em processo de envelhecimento.

Mas o tom sombrio que corriqueiramente acompanha as perspectivas do Japão é brutalmente exagerado. Muitos países seriam considerados bem-aventurados por ter os problemas do Japão. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Adair Turner é presidente do Instituto para o Novo Pensamento Econômico. Copyright: Project Syndicate, 2018.

www.project-syndicate.org